

O DVD Musical como produto experimental no audiovisual

Matheus José Pessoa de Andrade*
paramatheusandrade@yahoo.com.br

Resumo

A produção de DVDs musicais no Brasil é expressiva na cena atual do audiovisual. Trata-se de uma série de trabalhos industriais e independentes. Consta, assim, de inúmeras propostas estéticas de vídeo, num gênero cujo caminho seguido está entre um formato industrial e a configuração artística. Nesses termos, o DVD musical se configura como um produto propício a experimentações audiovisuais de grande aceitação, em geral, por parte do público. É um espaço onde a criatividade e a ousadia estética são acessórios importantes para o mercado. Cabe-nos, aqui, compreender esse gênero de maneira a apontá-lo como potencialidade poética, diante de casos que mostram e valorizam essa especificidade experimental.

Palavras-chave: DVD – poética – experimental

Abstract

The production of Music DVDs in Brazil is prominence in the current scene of the film production. It is about a series of industrial and independent works. It consists, thus, of innumerable aesthetic proposals of video, in a sort whose followed way is between an industrial format and the artistic configuration. In these terms, the Music DVD configures as a propitious product to film experimentations of great acceptance, in general, on the part of the public. It is a space where the creativity and the new aesthetic are important accessory for the market. It is reasonable here, understanding this sort in such way in order to point it as poetical potentiality, ahead of cases that show and value this experiment practice.

Key words: DVD – poetical – experiment

Introdução

O DVD Musical tornou-se um dos gêneros audiovisuais de grande expressão no âmbito popular. No Brasil, o percebemos como um produto bem disseminado, desde sua comercialização legal e ilegal até a exibição em meios de projeção diversos. Tendo em

* PROFESSOR DA UNIDADE ACADÊMICA DE ARTE E MÍDIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, MESTRE EM LINGÜÍSTICA E LINGUAGEM PORTUGUESA, ESPECIALISTA EM JORNALISMO CULTURAL, GRADUADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – RÁDIO, ATUANTE NAS LINHAS DE PESQUISA SOBRE AUDIOVISUAL E EDUCOMUNICAÇÃO E REALIZADOR AUDIOVISUAL.

vista tamanha circulação, os profissionais da música recorrem cada vez mais ao gênero como uma forma de amplificar seu trabalho.

As inquietações iniciadas aqui partem de dois fatores: 1) da carência de atenção acadêmica a respeito do gênero em questão; e 2) da tentativa de potencializar a realização do DVD Musical como um espaço de experimentalismo artístico. Expondo-o como um produto expressivo, de autoria, cabe-nos, assim, apresentar algumas indagações incipientes a respeito. Mas antes, gostaria de relatar algo, para mim estimulante, que me fez focar nessa área do audiovisual.

Certo dia, enquanto dirigia, estava dialogando com um amigo, compositor e cantor, a respeito de sua carreira artística, que não é de tamanho sucesso nacional e internacional, mas que também não o faz um artista menor. Então, ligado à necessidade de ter também o seu DVD Musical, ele relata que uma filmagem de um show apenas seria muito pouco para o que ele fez durante sua vida com a música. Toda a sua dedicação e vivência. E que o *making of* do show nos extras também não atendia a necessidade de registro audiovisual de todo o seu trabalho. Assim, ele contou que seu produto teria cenas da sua insônia que o leva a compor, suas brigas, seus amores, dos lugares que o inspira, fotos do seu primeiro violão, cantando com amigos, depoimentos de pessoas afins etc., tudo articulado como um filme. E não se esqueceu de inserir cenas de shows e tudo mais. Pronto. Parei o carro. Chegou onde ele ia ficar. Desceu e eu segui pensando no DVD dele.

Tal diálogo, então, levantou hipóteses e observações a serem feitas a respeito do gênero de audiovisual. Por isso a proposta de discorrer sobre o assunto.

Explicando, antes de tudo, chamo-o de DVD Musical para descrever o produto que busco pensar e dialogar, na falta de um conceito já estabelecido, crendo, portanto, que o termo dá conta de visualizar o gênero.

Do universo audiovisual ao gênero DVD Musical

O audiovisual, como o conhecemos, é uma invenção do século XX. Desde as primeiras experiências do uso do som no cinema, na segunda etapa da década de 1920, ao dias de hoje, muito se criou em relação a estilos, tipos, códigos e formatos de produtos com a incorporação da sonoridade.

A música, nesse contexto, gerou um novo estalão para o trabalho com a imagem em movimento, fazendo com que a indústria cinematográfica investisse em novos gêneros de filme, tais como os Musicais, criando laços firmes até então. A televisão construiu vários estilos de programas com música, visto show de calouros. E o vídeo também fincou um formato próprio nascido dessa junção, como no caso do videoclipe.

Nesse panorama audiovisual – cinema, tevê e vídeo –, é sabido o seu funcionamento com um entrelace técnico e estético entre esses três mundos, porém interessa entender as particularidades de tais sistemas de produção, inseridos em duas vertentes de trabalho: a industrial e a artística.

Além das vertentes, os sistemas de produção audiovisual são constituídos, grosso modo, em três dimensões: a empresarial, a independente e a doméstica. Assim por dizer, para melhor organizar nossa reflexão. A empresarial prima pelo padrão, o funcional, pelo compromisso constante com a audiência e a garantia da compreensão do público. A produção independente auxilia a produção empresarial, contribuindo, muitas vezes, com os processos criativos e inovadores do sistema de mercado (ALMEIDA, 1984). E o doméstico se situa sem tamanhas preocupações financeiras, o que se apresenta com muita liberdade de expressão para o audiovisual, dando conta do trabalho de registros e arquivos, com descompromisso e ruptura das “normas” profissionais. Fiquemos cientes de que o termo “doméstico” não invalida sua qualidade, apenas demarca um lugar de produção específico, inclusive, muito expressivo.

Ressalva: não excluo aqui as duas vertentes em nenhuma das dimensões. Sabemos de quantas pessoas têm sua produtora doméstica profissional ou das marcas criativas que podem ser encontradas nas grandes empresas privadas de comunicação. Entretanto, há predominâncias em seus produtos. Eles também não são excludentes. Na verdade, se misturam em vários gêneros audiovisuais.

De forma breve, a televisão atua predominantemente num padrão industrial, no qual os programas são muito parecidos em seu formato, sujeito a poucas modificações pelo contato que se estabelece com a audiência e, não menos importante, pelas relações de censura que estão submetidas no contexto brasileiro (MATTOS, 2005), prezando por uma abordagem limitadora de conteúdos e formas.

As propostas com uma ousadia poética são menores no sistema privado. Muitas vezes partem de fórmulas desenvolvidas em outras circunstâncias e adaptadas para a tevê. São marcas encontradas também em outros sistemas, tais como as tevês públicas, estatais, universitárias e comunitárias, *Youtube*, e até na rede (aparentemente) alternativa MTV. Programas como *Provocações*, *15 minutos*, *Roda Viva*, *Zoombido*, *Profissão Repórter*, criam propostas de teor mais subversivo que o padrão corriqueiro.

Programas e séries como *Custe o Que Custar* e *Cidade dos Homens*, com suas propostas de ruptura, vêm de produtoras independentes. Contudo, são suficientemente prestativas no que se refere à audiência que as empresas almejam e assim são incorporadas à grade de programação com muito êxito.

O cinema norte-americano é um importante referencial de produto a ser comercializado no universo audiovisual. Outras indústrias também, como na Índia ou na França. Todas situadas com certas amarras econômicas e políticas. Entretanto, produtoras independentes também criam filmes de grande circulação e comercialização, oferecendo, ainda, novos códigos ou novas idéias para a área. Há ainda a produção doméstica como possibilidade do novo. Como o exemplo do filme *Atividades Paranormais* (2009), nos EUA, demarcando essa alternativa criativa no setor comercial, vindo de um lugar menos comprometido com a indústria. Uma produção doméstica.

Casos mais extremos de experimentalismo cinematográfico estão nos chamados filmes de arte, no cinema de autoria, no gênero documentário e na produção de filmes de curta metragem. Esses sim possuem uma vertente mais artística de trabalho.

Mesmo percebendo tais marcas, o cinema e a televisão atuam numa porcentagem maior na vertente da indústria. Têm suas amarras em forma e conteúdo e são os produtos padrões os de maior circulação para o público. Seus trabalhos alternativos são menores em circulação e visibilidade.

Já o mundo do vídeo é um pouco mais desprezado. O videografismo trafegou por uma história muito mais transcorrida pelo viés da arte (MELLO, 2008) do que da indústria. Primeiramente com as propostas artísticas de Nan June Paik, a partir dos anos 1960; com os coletivos experimentalistas de produção nos anos 1980 – TVDO e Olhar Eletrônico – e as propostas expansivas do meio até os dias de hoje nas galerias de arte.

Nem só pelo início na arte, mas pelo lugar despojado que ocupada em sua condição de produção mais livre: sem dinheiro e sem censura (nem todos os casos, claro!). Câmeras fora do crivo industrial e propiciadoras de muitas experiências audiovisuais. Essa condição deu lugar a gêneros como a videoarte, o videoclipe, *making of*, as videoinstalações, as performances VJ, curta metragem. Tipos de trabalhos abertos ao experimentalismo audiovisual.

Não se exclui as vertentes mais comerciais aqui. Os realizadores também produzem registro de eventos, vídeos institucionais, vídeo aulas, cumprindo sua vertente industrial. Todavia, parece uma área mais difícil de traçar uma dimensão de conhecimento histórico e mapeamento em nível nacional.

É nesse contexto, inicialmente, que enquadramos o DVD Musical. Um gênero videográfico oriundo ao experimentalismo e à ousadia dos realizadores, o qual desfruta da aceitação massiva. Assim como o videoclipe pode ser considerado o produto ideal para a experiência audiovisual e, na mesma medida, de aceitação absoluta do grande público (MACHADO, 1995).

Não se nega a vasta produção industrial padronizada desse(s) tipo(s) de trabalho. Só buscamos identificar o que há de experimental.

Trata-se, portanto, de um produto audiovisual que, assim como os outros, perpassa as duas vertentes (industrial e artística), também incluso nas dimensões empresariais, independentes e domésticas de realização, pertencente ao mundo do vídeo, no qual predomina a possibilidade do experimentalismo.

Panorama da produção de DVD Musical no Brasil

Mapear historicamente a produção de DVD Musical no Brasil seria um trabalho de bastante fôlego nesse momento incipiente de reflexão. Assim como nos privamos de traçar

a evolução da relação entre audiovisual e música no correr do século XX até chegar ao gênero. Cabe aqui, portanto, apontamentos que identifiquem lugares de realização do gênero para melhor pensar a respeito do experimentalismo.

Digamos, então, que em todo o universo audiovisual de realização temos a feitura do produto. Vertentes, sistemas e propostas. Isso possibilita, a priori, observar a pluralidade no perfil dos DVDs. Vejamos alguns dados da produção do gênero no Brasil.

Os mais visíveis realizadores institucionais de DVD Musical no Brasil são os canais de televisão, mais precisamente a *MTV Brasil*, o *Multishow* e o *Canal Brasil*. Cada qual seguindo suas feições.

Os trabalhos do projeto *Acústico MTV* têm grande visibilidade no mercado de DVDs, composto por shows de diversos artistas e grupos nacionalmente conhecidos, no formato acústico. São obras de muito primor, com cenários singulares e performances impecáveis, como o de *Cássia Eller*, *Lulu Santos*, *Ultraje a Rigor*, *Cidade Negra*, entre tantos outros. Esse projeto tem início ainda nos anos 1990, quando nem se tratava da mídia aqui em questão – o DVD em si.

Contudo, os produtos, na maioria, não carregam consigo a “estética MTV” no que se refere à proposta audiovisual despojada, o que não diminui a qualidade dos trabalhos. Porém, com tanto *know how* experimental na tevê até que poderia oferecer marcas mais ousadas de poética nos trabalhos.

O canal a cabo *Multishow* está ligado à GloboSat, o qual difunde alguns programas relacionados à música em geral, principalmente apresentações musicais e entrevistas. Seu estilo de DVD Musical é marcado por coletâneas de artistas homenageando algum cantor, compositor ou um estilo musical, como nos casos de *O Baú do Raul* e *Casa da Bossa*, ou show de artistas como a “global” *Ivete Sangalo*.

Naturalmente, os produtos trazem consigo o “padrão Globo de qualidade”, com uma perspectiva comportada de visão na tela. Harmoniosos e digestivos para o público.

Já o *Canal Brasil*, vigente desde 2005, foi construído por um grupo de profissionais do cinema brasileiro juntamente com a GloboSat e o financiamento estatal. Realiza, assim, DVDs Musicais de artista diversos. Em parte, estabelece parcerias com produtoras independentes, o que possibilita uma maior abertura a experiências audiovisuais. Nesse caso, a obra *América Brasil*, do cantor e compositor Seu Jorge, é realizado juntamente com a produtora *Cafuné*. Em particular, o trabalho apresenta traços poéticos desde o *menu* ao próprio show, onde o cantor dialoga com os cozinheiros do local do evento através de câmeras e monitores. Enfim, essa relação termina sendo muito sadia no que se refere ao inventivo do DVD Musical.

Outro trabalho que confirma essa tendência é *Ritchie – Outra Vez*, em parceria com a produtora *Visom*. Nele, algumas canções são intercaladas por um tipo de documentário poético com o cantor.

Vale considerar que o DVD Musical é um produto de muito mais interesse do mercado musical, das grandes gravadoras, as quais também se articulam nessas parcerias.

Assim, as produtoras independentes apresentam, de fato, uma expressão significativa de obras. São trabalhos prestados ao próprio artista, em padrões industriais bem resolvidos para a projeção imediata do cantor ou grupo.

Noutro viés, as independentes têm a chave para a abertura de obras com um teor mais artístico e experimental, que buscam retomar a carreira de um velho sucesso, por exemplo. No caso, são produtos financiados através de leis ou projetos culturais. Dentro desse sistema já vigente no cinema percebe-se uma migração de cineastas para a realização de DVD Musical. É interessante pontuar que a tevê e a publicidade no Brasil deram um salto qualitativo quando, nas crises e inconstâncias de uma produção cinematográfica industrial nacional nos anos 1980, os cineastas migraram para outros campos, como novelas, seriados, publicidade, programas jornalísticos.

Isso, nos DVDs Musicais, também pode ser um sinal de crescimento qualitativo. Título como o mais recente trabalho dos *Doces Bárbaros*, dirigido pelo cineasta Andrucha Waddington atesta uma mudança nos padrões do gênero. Esse é um perfil de produção que apresenta um experimentalismo autoral.

Temos, ainda, numa medida considerável, os trabalhos com teor doméstico ou de produtoras não institucionalizadas ou menores, por assim dizer, cujo trabalho carece de preciosismo técnica, que registram apenas os shows cotidianos e montam propostas audiovisuais de circulação para a difusão de material artístico na pirataria. Torna-se até difícil o mapeamento de tal produção, mas que expressa bem o trabalho de diversas bandas de música popular em atuação no cenário brasileiro.

Desta feita, interessa agora fazer um recorte de DVDs Musicais que apresentam determinado nível de experimentalismo frente aos padrões clássicos do gênero, na busca de atestar o ponto de vista posta aqui em discussão.

O DVD Musical e o experimentalismo artístico

Desde já, as observações aqui realizadas giram em torno das intervenções artísticas audiovisuais. Sendo assim, não importando, no momento, discorrer sobre questões referentes a show do artista, cenário, desempenho ou repertório. Apenas o resultado do vídeo na tela. Para tanto, três trabalhos chamam nossa atenção no que buscamos compreender: *Moska: + Novo de Novo*, *Antonio Nóbrega: Nove de Frevereiro* e *Marisa Monte: Barulhinho bom – uma viagem musical*. Vejamos.

O DVD Musical do cantor, compositor e ator Paulinho Moska é resultado de uma parceria entre: Som Livre, Caixa Cultural, Grupo Orsa, China Films e Casulo. A obra é dirigida pelo artista multimídia uruguaio Pablo Casacuberta, e conta com todo o ar criativo do próprio.

O trabalho traz à tona uma trajetória curiosa de Moska com seus auto-retratos, dos quais nasce parte da sua obra. Gravado em três shows (Brasília, Rio de Janeiro e Montevidéo), consta ainda participações no DVD (e não nos palcos) de outros artistas de sua rede de relação musical.

A estrutura narrativa é toda intercalada por performances actanciais de Moska, ora explicando seus devaneios artísticos cotidianos em metáforas audiovisuais, ora referenciando o processo de criação das suas canções e ora mixando imagens junto às canções em execução.

De início, no ato de montagem do palco, onde Moska orienta a equipe, é encenado por alguém um jornalista cuja passagem da matéria é sempre refeita. Instância essa que é retomada na conclusão do trabalho, onde ele dá sua interpretação ao ato em relação o título do show, como numa narrativa clássica do cinema. Em suma, a proposta completa do DVD se coloca como um tipo de filme artístico para o espectador.

Duas canções parecem emblemáticas para visualizar o todo construído: a canção *O Jardim do Silêncio*, cujo Moska encena dirigindo um carro nas ruas do Rio de Janeiro, com imagens distorcidas e mixadas como um videoclipe sobre a canção do show, no palco, o que, segundo depoimento, reconstitui o processo criativo da respectiva composição. Na tela, cria uma ação de experiência no gênero; a outra canção é *Pensando em Você*, na qual ele realiza um tipo de filme curta metragem antes de iniciar a canção no palco. São dois processos narrativos que intercalam a apresentação no palco, montadas para o produto audiovisual, e não para o ao vivo.

As participações não são no palco. São encontros em outras circunstâncias, apenas com violão, executando uma música e inserido como faixa comum na obra. Na participação de Jorge Drexler, por exemplo, a imagem é em preto e branco, rodado na areia da praia, ao som de dois violões.

Como afirmado na sinopse do seu DVD Musical, o trabalho é “um falso documentário de uma história real”, dando pistas para a singularidade do formato proposto. Tais marcas de ruptura e criatividade artística vistas no + *Novo de Novo* mostram a possibilidade de experimentalismo no gênero DVD Musical.

O Nove de Frevereiro é uma obra dirigida pelo cineasta e fotógrafo brasileiro Walter Carvalho, realizado pela independente *Brincante*, financiado por diversas instituições estatais, culturais e patrocinado pela Chesf.

A obra contempla, além de um show realizado no teatro, apresentações encenadas para o DVD em calçadas com grupos diversos; em Casa forte, no Recife – PE; na Lapa, no Rio de Janeiro – RJ; no Convento São Francisco, em João Pessoa – PB; e em ambientes rurais que ora fundem com imagens da apresentação no teatro.

É possível perceber, de início, posicionamentos de câmera e imagens não usuais em relação ao gênero apenas num primeiro olhar sobre a obra.

Merece destaque a faixa com a música *Garricha*. Em meio às imagens da apresentação no palco, onde os dançarinos estão vestidos com camisetas de times de futebol, a obra insere imagens de arquivo do jogador aleatoriamente, como um tipo de mixagem ao vivo, estilo VJ, gerando um deslocamento visual e histórico para além do show em si.

Outra menção deve ser feita ao trabalho nas faixas 13, 14, 15 e 16 do DVD, onde os dançarinos fazem um número solo no palco, dançando frevo. Adiciona-se a isso uma performance deles em ambientes diversos, como as ladeiras de Olinda, um circo, um coreto. Tudo articulado com muita precisão no que se refere à continuidade e sincronia dos passos vistos nos dois ambientes. Um recurso inovador diante de tantas propostas.

Vale assinalar que *Nove de Frevereiro* já inicia de forma surpreendente. Parte de uma abertura intertextual, mencionando o clássico filme *Cidadão Kane* (1941) em seu formato e temática. Até utiliza imagem da produtora do filme – a antena da RKO em preto e branco. Além de inserir um letreiro aconselhando para assistirmos ao vídeo em uma sala escura.

Percebe-se, assim, o trabalho poético possível no gênero em questão, aglutinado com as possibilidades cinematográficas, investido numa vertente artística, sem apresentar atritos de aceitação como experiência abstrata.

Por fim, temos o *Barulhinho bom – uma viagem musical*, dirigido por Cláudio Torres e Lula Buarque de Holanda, realizado através da *Conspiração Filmes*, *Phonomotor* e da *Emi Music Brasil*. Conta com participação de vários artistas, tais como Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes e Moraes Moreira, entre outros.

Como o subtítulo sugere-nos, a obra não trabalha, nem de longe, um conceito comum de DVD Musical. Talvez a mais ousada entre elas. Trata-se de uma mistura de apresentação, rotina profissional, processos de criação, ensaios, poéticas visuais, diálogos, depoimentos, show em palco. Tudo articulado ao longo do vídeo, em aproximadamente 50 minutos de duração.

Logo no começo, os convidados são apresentados para o espectador como num filme se creditam os atores na abertura. Aparecem janelas na tela que mostram tanto Marisa Monte em um ensaio filmado em silhuetas, com estou de luz, como também imagens de todos os convidados que farão parte da “viagem”.

Destaque aqui para alguns trechos da obra, até pela complexidade de se dividir em faixas como o modelo tradicional dispõe. As partes em que ela se encontra em tráfego no aeroporto ou no próprio avião depondo sobre os entreatos dos shows e apresentando a banda disponibilizam processos um tanto curiosos para o espectador admirador de seu trabalho. Noutros momentos, temos a composição de uma música juntamente com Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes no corpo do DVD. Uma espécie de *Making of* trazido para o espaço do show. E ainda cenas tocando em vários outros lugares que não o palco.

Na canção *Blanco*, as imagens são articuladas como num videoclipe, com planos subversivos e sobreposições que constroem uma plástica visual dinâmica. E, logo em seguida, pouco mais de 45 segundos de música, a cantora narra, em *off*, sobre a rotina de uma manhã do cotidiano de seu trabalho, repleto de imagens de natureza e dela mesmo, num estilo documentário poético.

Enfim, trata-se de uma série de experiências audiovisuais contempladas no *Barulhinho Bom*, como forma de subverter a normalidade no que se refere à produção de obras do gênero. Ele abre mão do convencional para viajar em outras possibilidades audiovisuais.

Em síntese, as três obras se enquadram numa vertente artística do audiovisual expandida para o mercado comum. São trabalhos de cunho poético que dialogam, até mesmo, com o perfil dos próprios artistas em questão e que trazem a contribuição, assim, para pensarmos sobre o DVD Musical nessa perspectiva ousada, experimentalista.

Considerações finais

Compreender o DVD Musical como um gênero aberto ao experimental, a novas possibilidades, é buscar potencializar a produção artística do audiovisual, estimulando as rupturas estéticas num produto de aceitação massiva, fornecendo subsídios para a própria produção industrial cinematográfica, televisiva e videográfica. Visualizamos, no DVD, a capacidade de propor novos formatos para o mercado.

Os profissionais do cinema, assim, dão uma grande contribuição qualitativa audiovisual, inserindo novas experiências possíveis no gênero em questão. De tal maneira, concretizam concepções poéticas incabíveis em outros trabalhos.

Desse olhar, percebemos a necessidade de investigação sobre esse viés da produção audiovisual, mapeando historicamente o sistema de produção no Brasil e no mundo, suas características, suas técnicas de realização e possibilidades. Dar uma atenção à própria mídia DVD enquanto experiência autoral, por exemplo, também é um caminho a mais a ser percorrido. Enfim, é um gênero para o experimentalismo audiovisual que pode ser mais compreendido a partir da visão acadêmica.

Referências

- ALMEIDA, Candido José Mendes de. **O que é vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARMES, Roy. **On vídeo**: o significado do vídeo nos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.
- MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MATTOS, Sérgio. **Mídia controlada**: história da censura no Brasil e no mundo. São Paulo: Paulus, 2005.

MELLO, Christine. **As extremidades do vídeo**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.